

## Em defesa da cultura canadense

Flávio Aguiar

*Professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP)*

A leitura do artigo de Mauro Chaves, “A falta de caráter canadense”, publicado na pág. 2 de *O Estado de São Paulo* em 10 de fevereiro de 2001, deixou-me entre estarrecido e consternado. Estarrecido pelo desconhecimento e falta de informação que o artigo demonstra; consternado, pela atitude de desprezo e intolerância que induz.

Morei ao todo três anos no Canadá e já visitei o país várias vezes nos últimos vinte anos, quase sempre a trabalho. Conheço as Universidades de Montreal, de Laval, na cidade de Quebec, a de Toronto, a McGill e a Universidade de Quebec em Montreal (Uqam). O intercâmbio entre Universidades brasileiras e canadenses é extenso e intenso, abrangendo um sem número de áreas do conhecimento. No Brasil existe uma Associação Brasileira de Estudos Canadenses, com Núcleos em Universidades de Norte a Sul do país. Sou pai de uma cidadã canadense, cujo nascimento, em 1981, e o posterior cuidado pediátrico propiciou-me um contato estreito com o sólido e organizado sistema de saúde pública local. Em nada o Canadá que eu conheço se parece com o país inóspito e insosso descrito no artigo de Mauro Chaves.

Devo dizer também que aprendi a falar o francês no Canadá, embora quando para lá fosse pela primeira vez eu já lesse fluentemente a língua. Levo comigo, portanto, aquilo que o articulista chama de “o horrroso sotaque” local que, diga-se de passagem, tem traços, embora

leves, da *langued'oc* que, como se sabe, foi berço da lírica ocidental em línguas modernas.

O país descrito por Mauro Chaves é um país irrelevante do ponto de vista cultural, de natureza hostil e monótona - feia, portanto - sem identidade e vil do ponto de vista diplomático.

Coloquemos alguns pingos em alguns is. A atitude do governo canadense no caso da carne brasileira foi deplorável e exigiria, a bem dizer, um pedido formal de desculpas ao governo, produtores de carne e ao povo brasileiros. Ela destoa, inclusive, da tradição diplomática daquele país, a não ser que nela vejamos ainda algum resquício das antigas políticas do Império Britânico, quando as potências europeias apreciavam colocar outros países, sobretudo os *crioulos*, de joelhos.

Mas daí a supor que por trás dessa atitude há o ressentimento da “mediocridade” diante do nosso “brilho” brasileiro vai uma distância intransponível.

Há contenciosos graves na história canadense. O separatismo da Província do Quebec é um deles. A questão tem dois séculos e meio de idade, teve momentos dramáticos como a revolta dos habitantes da província no começo do século XIX e a repressão subsequente, que chegou aos enforcamentos em praça pública. Em 1970 um seqüestro promovido pela Frente de Liberação do Quebec causou a morte de um ministro provincial – Pierre Laporte – coisa sem dúvida lamentável. Na ocasião o Exército canadense praticamente ocupou a cidade de Montreal, prendendo intelectuais e ativistas. São fatos que até hoje deixaram seqüelas pungentes e dolorosas. Mas mais recentemente a questão da independência ou da maior autonomia do Quebec, em que pese o freqüente amargor das discussões, vem sendo tratada através de eleições e plebiscitos, o que é exemplar, diante das matanças que por vezes se promovem na própria Europa, por exemplo.

Vamos ao campo da cultura. Diz o artigo que uma das únicas obras literárias de relevância no Canadá é o romance *Two solitudes*, de Hugh MacLennan. Não leva em conta, portanto, que a poesia do Quebec está entre as melhores do mundo. Se em grande parte é desconhecida aqui no Brasil, isto se deve mais a problemas de natureza editorial e de mídia do que a questões de qualidade da produção. Nomes como Anne Hébert, Saint-Denis Garneau, Paul Chamberland, Michelle Lalonde, Pierre Vallières no ensaio, Gilles Marcotte na crítica, Gabrielle Roy no romance, Jacques Ferron no conto parecem então nada significar. A própria crítica francesa reconhece que além de

Anne Hébert, Gaston Miron é um dos maiores poetas da língua, de todos os tempos, ao lado de Villon, Rutebeuf, du Bellay, Baudelaire, Valéry e tantos outros. No lado inglês a poesia e o conto de Margaret Atwood não podem ser esquecidos, nem o trabalho inovador de Marshall MacLuhan ou o crítico de Northrop Frye, reputado mundialmente como um dos maiores teóricos da literatura de toda a história. E na música popular lá estão Gilles Vigneault e Leonard Cohen, e na erudita Glenn Gould. O cinema canadense é exuberante – não só pelos festivais (e o Festival de Teatro de Quebec está entre os mais importantes do mundo) – mas também pela produção: aí estão, para citar alguns nomes, *O declínio do império americano*, *Jesus de Montreal*, além da participação do país no já clássico *A guerra do fogo*. Este filme, aliás, foi em parte filmado no Canadá, na sua “monótona paisagem”, que, como se sabe, desfruta de um dos mais belos outonos que se pode contemplar. A produção de documentários e de curtas-metragens é extensa e prima pela qualidade. Nas artes plásticas, além de artistas de valor, há o caso dos *inuit* (antes chamados indevidamente de esquimós), cuja produção pictórica e escultórica é extraordinária.

No mundo dos espetáculos, quem pode desconhecer o *Cirque du Soleil*? Este não está reputado entre os melhores do mundo. Não. Em matéria de espetáculo circense ele é considerado *o melhor* de todo o mundo. E a Escola Nacional de Circo, que recruta estudantes no mundo inteiro, só encontra rivais na França e na Inglaterra.

Quanto à culinária, prefiro a brasileira, ou as brasileiras, por gosto, hábito e criação. Mas não dispense minha ração anual de *sirop d’érable*, ou *maple syrup*, uma espécie de melão saborosíssimo e peculiar obtido através da fervura da seiva do bordo, a árvore nacional canadense, aquela da folhinha na bandeira.

Deve-se também registrar que muitos de nossos compatriotas encontraram asilo no Canadá, durante a recente ditadura militar, acolhida que, esperemos, jamais tenhamos de retribuir ao povo canadense.

Enfim, estas são algumas notas breves e lembranças apressadas apenas para sugerir que não é boa política julgar a cultura ou o “caráter” de um povo à luz de uma atitude injusta de seu governo. Senão, o que seria de nós, brasileiros?